



# *The Fundamentals* e a religião como ciência nos Estados Unidos (1910-1915)

## The Fundamentals and religion as Science in the United States (1910-1915)

Henrique Rodrigues Caldeira  
Mestrando em História  
UFMG  
henriquercaldeira@gmail.com

Recebido: 21/06/2016

Aprovado: 08/08/2016

### RESUMO:

Este artigo investiga a relação entre ciência e religião na primeira fase do movimento fundamentalista cristão nos Estados Unidos. Para isso, será apresentada a controvérsia entre fundamentalismo e evolução; depois serão destacadas algumas ideias teológicas importantes para compreender o movimento fundamentalista e seus discursos; e, finalmente, serão analisados quatro artigos presentes na publicação *The Fundamentals* (1910-1915), obra de sistematização da teologia conservadora anglófona do período, que abordam o tema da evolução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fundamentalismo, Evolução, Darwinismo.

### ABSTRACT:

This paper investigates the relationship between science and religion in the first phase of the Christian fundamentalist movement in the United States. For this, the controversy between fundamentalism and evolution will be presented; then some important theological ideas to understand the fundamentalist movement and its speeches will be highlighted; and finally, four articles which address the issue of evolution present in the publication *The Fundamentals* (1910-1915), a systematization of the conservative Anglophone theology of the period, will be analyzed.

**KEYWORDS:** Fundamentalism, Evolution, Darwinism.

### Introdução

Em 1925, John Thomas Scopes, professor de ciências na pequena cidade de Dayton, Tennessee, foi a julgamento por violar o *Butler Act*, lei estadual que proibia “qualquer teoria que nega a História da Divina Criação do homem como consta na Bíblia, e de ensinar que o homem tenha descendido de uma ordem inferior de animais”<sup>1</sup>. O evento, apelidado na imprensa norte-

---

<sup>1</sup> “That it shall be unlawful for any teacher in any of the Universities, Normals and all other public schools of the State which are supported in whole or in part by the public school funds of the State, to teach any theory that denies the story of the Divine Creation of man as taught in the



americana como *Monkey Trial* [Julgamento do Macaco], foi tão popular à época, que o zoológico de Nashville, cidade vizinha, reportou um aumento de 50% de procura nas semanas que antecederam o julgamento. Além disso, o caso foi transmitido ao vivo por rádio para todo o país, uma excentricidade ainda inédita no país.<sup>2</sup> No fim, o professor Scopes acabaria condenado ao pagamento de uma multa de 100 dólares<sup>3</sup>, mas a derrota maior recairia sobre os responsáveis por sua acusação, estereotipados como caipiras [*bicks*] atrasados e ignorantes.<sup>4</sup>

Por mais polêmico e surpreendente que o evento tenha sido, até mesmo para os contemporâneos de então, o caso foi apenas uma entre várias outras manifestações de uma controvérsia muito mais longa e profunda sobre o tema da evolução.

Com a publicação de *A origem das espécies*, em 1859, as principais discussões filosóficas, científicas e teológicas nos Estados Unidos foram forçadas a um longo período de polêmicas acerca do tema. Entre os naturalistas, a inserção desse tema nas discussões científicas desencadeou o desenvolvimento de uma ampla variedade de novas ideias e teorias evolutivas, em boa medida antidarwinistas, que marcariam esse período na historiografia como o “eclipse do darwinismo”<sup>5</sup>. Enquanto isso, nas comunidades protestantes, a aparente contradição entre a história do cosmos narrada por naturalistas e aquela narrada por pastores insinuou um descompasso inaceitável entre verdade científica e verdade revelada, motivando respostas teológicas radicais.

Uma das mais influentes dessas respostas foi o chamado fundamentalismo, movimento teológico e político conservador do qual fizeram parte as principais figuras responsáveis pelo *Butler Act* de Dayton e diversas outras legislações antievolucionistas.

Os estudos históricos sobre o fundamentalismo são tão antigos quanto o próprio movimento. Stewart G. Cole publicou seu *History of Fundamentalism* em 1931, ano que serve de marco final para outro clássico, *The Fundamentalist Controversy, 1918-1931* (1954), de Norman F. Furniss. Contudo, foi por volta da década de 1970 que o diálogo historiográfico sobre o assunto ganhou novos rumos e intensidade, coincidindo com o retorno do fundamentalismo à pauta política norte-americana. Como afirma o historiador Ernest R. Sandeen, os estudos iniciais

---

Bible, and to teach instead that man has descended from a lower order of animals”. Captado em: <http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/scopes/tennstat.htm>. Acesso em: 28 nov. 2015.

<sup>2</sup> MORAN, Jeffrey P (org.). *The Scopes Trial: A Brief History with Documents*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2002, p. 1-2.

<sup>3</sup> Posteriormente, a multa foi retirada, pois ultrapassava o limite previsto de 50 dólares. Dessa forma, o processo acabou anulado e julgado insignificante para apelação. GOULD, Stephen Jay. *Pilares do tempo: ciência e religião na plenitude da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 108.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, H. L. Mencken. *A Religious Orgy in Tennessee: A Reporter's Account of the Scopes Monkey Trial*. Hoboken: Melville House, 2006.

<sup>5</sup> BOWLER, Peter J. *The Eclipse of Darwinism: anti-Darwinian evolutionary theories in the decades around 1900*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983.



representados por Cole e Furniss limitaram-se a uma análise sociológica e psicologizante do fundamentalismo, mais interessada em enterrar a questão do que de fato investigar as características doutrinárias e intelectuais do movimento.<sup>6</sup>

Talvez tenha sido George M. Marsden<sup>7</sup>, em constante diálogo com a obra de Sandeen, o principal responsável pelo avanço de análises mais cautelosas sobre assunto, comprometidas com uma abordagem efetivamente histórica e cultural do movimento. Segundo esse autor, um dos maiores equívocos nas interpretações da controvérsia fundamentalista havia sido, até então, entendê-la apenas como um conflito entre ciência e religião, categorias que, como veremos durante todo esse trabalho, nunca estiveram dadas, pelo contrário, a remarcação dessas fronteiras foi um dos principais eixos do debate.

O antievolucionismo de fins do século dezenove e inícios do vinte parecerá, certamente, bastante familiar ao leitor de hoje; não apenas aos dos Estados Unidos, que assistiram o famigerado “Scopes II”<sup>8</sup> em Arkansas, na década de 1920, e ainda continuam acompanhando, diariamente, casos dessa natureza<sup>9</sup>; mas também aos do Brasil – herdeiro direto do protestantismo norte-americano, especialmente em suas frentes mais conservadoras<sup>10</sup> – que, por exemplo, veem circular hoje o PL 8090/2014 na Câmara dos Deputados, um Projeto de Lei de autoria do Pastor Marco Feliciano (PSC/SP), cuja ementa é: “Ficam inseridos na grade curricular das Redes Pública e Privada de Ensino, conteúdos sobre Criacionismo”<sup>11</sup>.

Apesar das transformações históricas dos discursos e estratégias antievolucionistas, mais ou menos adaptados a novos contextos, muitos argumentos sobrevivem vigorosos, desde a gênese do fundamentalismo até hoje. Entre eles, sobressai-se, sem dúvida, a acusação de que o darwinismo, termo que se confunde corriqueiramente com a evolução orgânica de forma geral, não é uma ciência, mas “apenas uma teoria/hipótese/especulação”.

---

<sup>6</sup> SANDEEN, E. R. “Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism”. In: *Church History*, v. 36, 1967, p. 66-83.

<sup>7</sup> MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. New York: Oxford University Press, 2006. MARSDEN, George M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans, 1998. MARSDEN, George. “Fundamentalism as an American phenomenon: a comparison with English evangelicalism”. In: *Church History*, v. 46, n. 2, 1977, p. 215-232.

<sup>8</sup> Julgamento sobre a constitucionalidade do *Balanced Treatment for Creation-Science and Evolution-Science Act*, que estabelecia tempo igual no ensino escolar de “ciência da evolução” e “ciência da criação”.

<sup>9</sup> MATZKE, N. “The evolution of antievolution policies after Kitzmiller v. Dover”. In: *Science*, v. 351, n. 6268, 2016, p. 28-30.

<sup>10</sup> Para a relação entre o protestantismo brasileiro e o norte-americano, ver MENDONÇA, A. G. “O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas”. In: *Revista da USP*, São Paulo, n. 67, 2005, p. 48-67.

<sup>11</sup> Captado em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=777616>. Acesso em: 05 dez. 2015.



Diante dessa acusação, e limitando este trabalho aos Estados Unidos das primeiras décadas do século XX, perguntamos: por que os fundamentalistas afirmavam que o darwinismo não era uma ciência?

Nosso argumento é que a incompatibilidade entre ciência e religião sugerida pelos debates sobre evolução no país motivou novas tentativas de reconciliação, entre as quais destacaram-se o movimento modernista e o fundamentalista. Enquanto o primeiro tentou evitar o conflito entre ciência e religião tornando-os domínios distintos, o segundo sustentou que a distinção a ser feita não era entre ciência e religião, mas entre verdadeira ciência e falsa ciência. A teologia feita de forma rigorosa, indutiva, “aos moldes de Newton”, pertenceria a essa primeira categoria; o darwinismo, regido pela imaginação e hipóteses meramente especulativas, fazia parte da segunda. Num cenário intelectual em que a ciência era objeto de reverência, a construção de uma categoria como “falsa ciência” foi fundamental para evitar que a oposição ao darwinismo fosse tomada como uma postura anticientífica. Dessa forma, a mobilização das abundantes críticas antidarwinistas do período de “eclipse do darwinismo” também tiveram enorme importância ao subsidiar o discurso eminentemente moral e teológico dos fundamentalistas com argumentos da ciência do período.

Para desenvolver esses argumentos, introduziremos a chamada controvérsia fundamentalista-modernista, geralmente abreviada como controvérsia fundamentalista; depois destacaremos algumas ideias teológicas de grande importância para compreender o movimento fundamentalista e seus discursos, destacadamente a inerrância bíblica e o dispensacionalismo; e, finalmente, analisaremos quatro artigos presentes na publicação *The Fundamentals* (1910-1915), obra de sistematização da teologia conservadora anglófona do período, que se dedicaram a discutir diretamente os efeitos gerais do darwinismo na sociedade, desde as implicações teológicas até morais e políticas.

### **A controvérsia fundamentalista: adaptações na luta pela sobrevivência teológica**

Conforme antecipado acima, o protestantismo norte-americano das primeiras décadas do século XX encontrava-se polarizado entre dois grupos poderosos, os modernistas e os fundamentalistas.

Os modernistas, inspirados pela filosofia de Kant e o romantismo alemão, tradições que correram paralelamente ao baconismo norte-americano durante todo o século dezenove, proclamavam a autonomia da religião em relação à ciência. Para eles, conforme a definição do teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, o cristianismo deveria ser entendido como “o



sentimento de dependência absoluta”<sup>12</sup> em relação a Deus, portanto um assunto da intuição e do coração humano, e não de constatações científicas e fidelidade bíblica. Quer dizer, por mais que a crença na história natural presente no Gênesis pudesse ser abalada pelas recentes conclusões científicas, o sentimento que caracteriza o cristianismo prevaleceria longe de qualquer perigo. Os combates reais do cristianismo, segundo os modernistas, aconteceriam no território da ética, e não do dogma ou da teoria. Dessa forma, eles conservavam a estima pela ciência e pela religião como domínios distintos, não contraditórios.

Nos termos de Marsden, um aspecto central nas inovações teológicas modernistas foi a deificação do processo histórico, isto é, a afirmação de que Deus se revela constantemente no curso da história humana, e não fora dela ou impondo interrupções. Conseqüentemente, a Bíblia não deveria ser entendida, segundo os modernistas, como um manual eterno e definitivo, mas como um registro humano, entre incontáveis outros, da presença histórica de Deus.<sup>13</sup>

Essa postura resultou na aplicação de uma prática hermenêutica bastante polêmica, a chamada alta crítica, interessada em determinar o contexto de escrita dos textos bíblicos, desde autoria, data e lugar até o estilo literário e panorama cultural. Esses aspectos eram pensados, sobretudo, em uma chave evolucionista, como produtos do desenvolvimento intelectual humano adaptados a realidades específicas, e não como revelação sobrenatural.<sup>14</sup>

No outro extremo do espectro teológico, definindo-se basicamente como uma oposição ao modernismo, o fundamentalismo afirmava total indistinção entre o domínio científico e o domínio religioso. Dessa forma, a ideia de conflito tornava-se uma impossibilidade lógica. “Verdade científica” e “verdade relevada” eram uma coisa só. A única possibilidade de conflito era entre verdade e falsidade: a falsa ciência contra a verdadeira religião, ou a falsa religião contra a verdadeira ciência.

Como resultado dessa amálgama, os fundamentalistas afirmavam que a metodologia rigorosa das ciências físicas deveria ser aplicada também à teologia, e a investigação científica não fazia sentido sem seu caráter reverencial. Se o darwinismo insistia em outras metodologias e descuidava da importância das noções de propósito e planejamento em suas investigações, então seu estatuto científico deveria ser prontamente questionado. Para sustentar esse modelo de

---

<sup>12</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *The Christian Faith*. Edimburgo: T.&T. Clark. Tr., 1928, P. 132.

<sup>13</sup> MARSDEN. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*, p. 33.

<sup>14</sup> HART, D. G. “Nineteenth-century biblical criticism”. In: FERNGREN, G. B. (org.) *The History of Science and Religion in the Western Tradition*. Nova York: Garland Publishing, Inc., 2000, p. 92-96.



comunhão entre ciência e religião, os fundamentalistas apoiaram-se especialmente nas doutrinas da inerrância e do dispensacionalismo.<sup>15</sup>

A doutrina da inerrância bíblica proposta pelos teólogos do Seminário de Princeton<sup>16</sup>, uma instituição calvinista de enorme influência durante todo o século dezenove, afirmava a total ausência de erros nos textos bíblicos originais<sup>17</sup>, não só no que diz respeito ao conteúdo moral ou espiritual, mas também quanto às referências históricas e físicas, isto é, geográficas, geológicas, biológicas, astronômicas, etc.<sup>18</sup>

Partindo da compreensão de que a Bíblia, assim como a natureza, é uma coleção de fatos, os teólogos de Princeton afirmavam a necessidade de estender a atitude newtoniana dos estudos naturais aos estudos bíblicos. Na introdução de *Systematic Theology* (1873), sua mais influente obra, Charles Hodge escreveu:

Se a ciência natural se dedica aos fatos e leis da natureza, a teologia dedica-se aos fatos e princípios da Bíblia. Se o objeto da primeira é organizar e sistematizar os fatos do mundo exterior, e confirmar as leis que o determinam; o objeto da segunda é sistematizar os fatos da Bíblia e confirmar os princípios ou verdades gerais envolvidas nesses fatos.<sup>19</sup>

Nota-se, claramente, a pretensão de proximidade entre o ofício do teólogo e o ofício do cientista.

Outra doutrina que orientou o pensamento dos fundamentalistas foi o dispensacionalismo, segundo a qual a história da humanidade estaria dividida em sete períodos, ou dispensações: Inocência (no Éden), Consciência (da Queda ao Dilúvio), Governo Humano (de Noé a Babel), Promessa (de Abraão ao Egito), Lei (de Moisés a João Batista), Graça (de Cristo ao Juízo), e Milênio. Em cada uma dessas dispensações, o povo de Deus teria recebido uma responsabilidade específica; por exemplo, nos tempos de Moisés a Lei deveria ser obedecida, na dispensação da Graça a fé em Cristo deveria ser professada. O fim de cada dispensação

---

<sup>15</sup> SANDEEN. "Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism".

<sup>16</sup> Os nomes mais destacados foram Archibald Alexander (1772-1851), o fundador do Seminário, e Charles Hodge (1797-1878), além de seus discípulos A. A. Hodge (1823-1886) e B. B. Warfield (1851-1921).

<sup>17</sup> A palavra "original" aqui oculta um enorme problema dessa atitude "científica", quer dizer, da dita abertura à verificabilidade da verdade revelada: os manuscritos originais dos textos bíblicos ou estão totalmente perdidos ou estão sob suspeita. Qualquer questionamento à inerrância pode ser respondido em última instância com o argumento de falhas por parte de copistas. Ver VELASQUES FILHO, Prócoro. "O nascimento do 'racismo' confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo". In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 111-131.

<sup>18</sup> GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 104-105.

<sup>19</sup> "If natural science be concerned with the facts and laws of nature, theology is concerned with the facts and the principles of the Bible. If the object of the one be to arrange and systematize the facts of the external world, and to ascertain the laws by which they are determined; the object of the other is to systematize the facts of the Bible, and ascertain the principles or general truths which those facts involve". HODGE, C. *Systematic Theology*. New York: Schibner, Armstrong, and Co., 1874, v. 1, p. 18.



marcaria o fracasso da humanidade em cumprir tal tarefa e, como consequência, as relações entre o Criador e suas criaturas acabariam radicalmente transformadas.<sup>20</sup>

Marsden observa que o detalhado esquema dispensacionalista alinhava-se finamente à geologia catastrofista da época, com marcos próximos ou idênticos às principais “eras” identificadas pela estratigrafia. Não surpreende que essa doutrina “saltacionista” tenha recebido o gradualismo darwinista com tanta hostilidade.<sup>21</sup>

Nos Estados Unidos, o mais importante divulgador e continuador dessa doutrina foi o teólogo batista Cyrus I. Scofield (1843-1921), editor da *Scofield Reference Bible* (1909), a Bíblia de estudos mais vendida nos Estados Unidos à época, e um dos colaboradores da coleção *The Fundamentals* (1910-1915). No cenário de devastação após a Guerra Civil, doutrinas essencialmente pessimistas como o dispensacionalismo, que viam a história humana como um processo degenerativo para o qual a única cura seria o Segundo Advento, ganhou bastante popularidade. Também não deve surpreender, portanto, que a noção de um melhoramento universal contínuo e inexorável, veiculado por cosmologias evolutivas como a de Spencer, tenham parecido absurdas aos fundamentalistas.

Por sua visão eclesiológica de que a Igreja verdadeira se constituía de um punhado de eleitos individuais e as grandes organizações religiosas estavam fadadas à corrupção, a doutrina do dispensacionalismo não se organizou em uma denominação exclusiva, mantendo-se como uma comunidade dispersa, composta majoritariamente por batistas e presbiterianos, esporadicamente reunida em conferências e instituições não-eclesiais.<sup>22</sup>

As reuniões dispensacionistas mais significativas nos Estados Unidos foram, sem dúvida, as *Niagara Bible Conferences* (1868-1900), organizadas pelo pastor presbiteriano James H. Brookes (1830-1898), que consistiam em encontros de mais ou menos duas semanas entre leigos e pastores para estudos bíblicos. O historiador Ernest Sandeen chegou a sugerir que as principais lideranças das *Niagara Bible Conferences* pudessem ser consideradas os pais fundadores do fundamentalismo<sup>23</sup>. Mas, afirmar uma origem exata do fundamentalismo foi, desde o início, uma empreitada bastante polêmica na historiografia sobre o movimento. Historiadores como George M. Marsden preferem explorar o fundamentalismo mais como uma categoria funcional do que

---

<sup>20</sup> ROCHA, Daniel. “Os fundamentos de um reino milenar: expectativas milenaristas e engajamento político na história do fundamentalismo religioso norte-americano”. In: *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 12, n. 21, 2010, p. 203-225.

<sup>21</sup> MARSDEN. *Fundamentalism and American Culture*, p. 65.

<sup>22</sup> MARSDEN. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*, p. 59.

<sup>23</sup> SANDEEN. “Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism”, p. 72.



substancial. Ele seria identificável a partir de certas características comuns raramente estabelecidas de maneira formal. Um dos documentos mais ricos para investigar tais características comuns é, sem dúvida, a publicação *The Fundamentals*.

### **The Fundamentals**

*The Fundamentals: A Testimony to the Truth* foi uma série de noventa artigos publicados em doze volumes, entre 1910 e 1915, dedicada à discussão de temas polêmicos no protestantismo norte-americano, como marxismo, teologia liberal e evolução. Com aproximadamente três milhões de cópias distribuídas gratuitamente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, a publicação foi financiada anonimamente por “dois cristãos leigos”, mais tarde identificados como Lyman Stewart, presbiteriano dispensacionalista, e seu irmão Milton Stewart; ambos milionários do petróleo da Califórnia, fundadores e principais acionistas da *Union Oil Company of Los Angeles*.

O tom dos artigos era, em geral, moderado, mesmo quando polêmico. Lyman Stewart, por exemplo, justificou a rejeição de um artigo dizendo que sua linguagem não era do tipo “casto e moderado que faz até o oponente parar e ler”<sup>24</sup>. Um estilo acadêmico, com referências e sugestões de leitura, é marcante nos primeiros volumes.<sup>25</sup>

No total, foram 64 autores responsáveis por 90 artigos. Desses, 19 autores, responsáveis por 31 artigos, eram definitivamente dispensacionalistas. Apenas 3 autores estavam associados ao Seminário de Princeton, mas a maioria absoluta era calvinista.<sup>26</sup>

Dos 90 artigos, 23 mencionam os debates sobre a evolução biológica. Desses, 4 dedicam-se exclusivamente a eles: *Science and Christian Faith*, de James Orr, reverendo presbiteriano escocês, professor de História da Igreja e Teologia na Universidade de Glasgow; *The Passing of Evolution*, de George Frederick Wright, professor de Linguagem e Literatura do Novo Testamento e da recém criada Harmonia da Ciência com a Religião no Oberlin College, em Ohio; *Evolutionism in the Pulpit*, anonimamente atribuído a “um ocupante do banco da igreja”; e *The Decadence of Darwinism*, do reverendo Henry H. Beach, de quem não encontramos maiores informações, a não ser a de que atuava no Colorado.

---

<sup>24</sup> *Apud* SANDEEN. “Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism”, p. 78.

<sup>25</sup> Quando a publicação dos volumes já estava na metade, Lyman Stewart decidiu popularizar a coleção. “Até agora os artigos estiveram adaptados especialmente para homens da mais alta cultura, [...] e uma série de artigos adaptada aos pastores e professores mais comuns deve ser feita na sequência”. *Apud* SANDEEN, “Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism”, p. 79.

<sup>26</sup> SANDEEN, E. R. “The Princeton Theology: one source of Biblical Literalism in American Protestantism”. In: *Church History*, Vol. 31, No. 3, 1962, p. 307-321.



Nesses quatro artigos, destacam-se dois eixos especialmente importantes: a defesa do caráter científico do cristianismo e os problemas teóricos e empíricos do darwinismo, levantados, sobretudo, a partir dos debates do “eclipse”.

### **O cristianismo como ciência: sobrenaturalismo e o método indutivo**

Como já dito, a ideia de que a verdadeira ciência e o cristianismo gozavam de perfeita comunhão foi central para o discurso fundamentalista. Os artigos de *The Fundamentals* deixam claro que abandonar os fundamentos da fé por simples medo de ser considerado “‘não-científico’ e ‘academicamente obsoleto’”<sup>27</sup>, como fizeram os modernistas, é o maior erro que um cristão pode cometer.

James Orr, inicia seu artigo *Science and Christian Faith* colocando em questão a ideia “industriosa e circulada” de que o avanço da “ciência” (colocada entre aspas pelo autor), significando com isso “as ciências físicas – astronomia, geologia, biologia e outras do tipo”, tem se mostrado destrutivo, desde o início, para as afirmações bíblicas e para a “verdade do cristianismo”<sup>28</sup>.

Essa ideia, confrontada por Orr, situava-se no intenso debate sobre o “Conflito entre Religião e Ciência”, ou a “Guerra entre Ciência e Teologia na Cristandade”, respectivamente os títulos dos livros de John William Draper (1811-1882) e Andrew Dickson White (1832-1918). Esses autores postulavam em toda a História um conflito necessário entre ciência e religião, do qual a primeira inexoravelmente sairia vencedora. Esse modelo amplamente difundido e duradouro ficou conhecido na historiografia como tese do conflito.<sup>29</sup>

Contrapondo-se a essa ideia, James Orr afirma que os “antigos investigadores da ciência”, como Galileu, Kepler, Bacon e Newton, foram cristãos devotos, e que os novos investigadores majoritariamente ainda o são. Sendo assim, não haveria sentido em afirmar que o tal conflito entre ciência e religião fosse uma relação necessária, mas um problema moderno, e ainda assim, reservado apenas a uma minoria de “homens de ciência”. Insinuava-se, por esse argumento, que o apoio da Ciência, entendida como uma velha entidade, recaía sobre o cristianismo tradicional mais do que sobre o recente evolucionismo.

---

<sup>27</sup> BEACH, H. H. “Decadence of Darwinism”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 8, p. 28.

<sup>28</sup> ORR, James. “Science and Christian Faith”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 4, p. 91.

<sup>29</sup> DILSON, David B. “The Historiography of Science and Religion”. In: FERNGREN, Gary B. (org.) *The History of Science and Religion in the Western Tradition*. New York; London: Garland Publishing, Inc. 2000, p. 2-11.



James Orr admite em seu texto que de fato houve, ao longo da história, perseguições intelectuais por parte da Igreja muito danosas ao “avanço da verdade”, mas sugere que esses erros tenham resultado justamente da falsa suposição de desarmonia entre a verdade dos cientistas e a verdade revelada, ou ainda, do “entendimento imperfeito” dos perseguidores religiosos quanto às novas descobertas. Na verdade, diz Orr, essas descobertas em nada machucavam o cristianismo; ao contrário, serviam para a glorificação “do poder, sabedoria e majestade do Criador”<sup>30</sup>. Essa defesa do caráter devocional da ciência perpassa todos os quatro artigos. Henry H. Beach, autor de *Decadence of Darwinism*, é assertivo quanto a isso: “As observações científicas são estúpidas exceto ao dizer que todas as criaturas de Deus são maravilhosamente planejadas”<sup>31</sup>.

Mais do que absolver a verdadeira religião, quer dizer, aquela livre de erros profanos como os da Inquisição católica, Orr ressalta que a teologia também teve um papel importantíssimo ao resistir às novidades trazidas pela ciência que, “em incontáveis casos, avançou teorias impetuosas e injustificadas e frequentemente teve que ceder mesmo em suas especulações mais verdadeiras aos limites que as harmonizaram de forma mais perfeita com a verdade revelada”<sup>32</sup>. Isto é, sugere-se que o cristianismo tenha servido como um importante filtro epistemológico no desenvolvimento da ciência, necessário para obstruir o que ainda não fosse “verdade”, mas apenas hipóteses prematuras ou simples opiniões.

Por meio desse discurso, foi possível afirmar-se, ao mesmo tempo, pró-ciência e antidarwinista, afinal, essa teoria “ainda não foi provada”<sup>33</sup>, “baseia-se apenas em hipóteses [...] sem um único fato conhecido que possa lhe dar suporte”<sup>34</sup>, “não pode ser discutida racionalmente até que espécie e gênero sejam definidos”<sup>35</sup>, e a definição até então de espécie “está longe de ser do tipo que seria aceita nas ciências exatas”<sup>36</sup>.

Nas palavras de George Frederick Wright, autor de *The Passing of Evolution*, “o cristianismo, sendo uma religião de fatos e história, é um filho nascido livre na família das

---

<sup>30</sup> ORR, James. “Science and Christian Faith”, p. 92.

<sup>31</sup> “Scientific observations are dumb, except to say that all God's creatures are fearfully and wonderfully made”. BEACH, H. H. “Decadence of Darwinism”, p. 39.

<sup>32</sup> “[...] that science, too, has in numberless cases put forth its hasty and unwarrantable theories and has often had to retract even its truer speculations within limits which brought them into more perfect harmony with revealed truth”. ORR, James. “Science and Christian Faith”, p. 93.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_, “Science and Christian Faith”, p. 102.

<sup>34</sup> Anônimo. “Evolutionism in the Pulpit”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 8, p. 27.

<sup>35</sup> BEACH, H. H. “Decadence of Darwinism”, p. 36.

<sup>36</sup> WRIGHT, G. F. “The Passing of Evolution”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 7, p. 2.



ciências indutivas”<sup>37</sup>. Portanto, não espanta, sob essa perspectiva, a sugestão de que a religião cristã, como um conhecimento factual e ancestral, deva continuar atuando para salvaguardar a honra dessa família.

Assumindo essa responsabilidade científica para o cristianismo, Henry H. Beach chega a dizer, parafraseando Galileu, que a Bíblia não pode ensinar “como ir para o céu” se for imprecisa quanto a “como vão os céus”<sup>38</sup>, ou, em sentido mais geral, quanto a questões de origem, natureza e descendência humana. A autoridade da Bíblia não emana apenas da parte espiritual da “verdade”, mas de toda ela. É totalmente inerrante. Portanto, diz Beach, uma questão como a que existe entre “darwinismo e humanidade não é uma questão puramente acadêmica”, ela ataca diretamente a “integridade e confiabilidade da Palavra de Deus”<sup>39</sup>.

Partindo dessa ideia de uma verdade completa, científica e revelada, do cristianismo, os fundamentalistas dedicaram-se a uma crítica intensa do materialismo, ou o naturalismo científico, nos termos de Huxley, exatamente por ser uma ciência incompleta, da qual os fatos sobrenaturais ficavam excluídos.

Em *The Fundamentals*, o artigo *The Certainty and Importance of Bodily Resurrection of Jesus Christ from the Dead*, traz essa crítica à exclusão dos milagres em uma frase especialmente clara:

A verdadeira ciência não começa com uma hipótese a priori de que certas coisas são impossíveis, mas simplesmente examina as evidências para descobrir o que realmente ocorreu. Ela não distorce seus fatos observados para fazer com que fiquem de acordo com uma teoria a priori, mas procura fazer a teoria adequar-se aos fatos conforme observados. Dizer que milagres são impossíveis e que nenhuma quantidade de evidências pode provar um milagre é ser supremamente não-científico.<sup>40</sup>

A defesa desses “fatos sobrenaturais” desconsiderados pela ciência, especialmente os milagres, é central nos discursos fundamentalistas.

James Orr classifica a Bíblia como um “registro da revelação” e o cristianismo como “um sistema sobrenatural”. Os milagres, sendo a “penetração direta, por palavra ou ato, de Deus na

---

<sup>37</sup> “Christianity, being a religion of fact and history, is a free-born son in the family of the inductive sciences” \_\_\_\_\_, “The Passing of Evolution”, p. 20.

<sup>38</sup> Em defesa da astronomia copernicana, considerada conflitante com o texto bíblico por parte do clero católico, Galileu escreveu que a intenção do Espírito Santo, ao inspirar a Escritura, era ensinar como ir para o Céu, e não como os céus vão. Ver ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 89-118.

<sup>39</sup> BEACH, H. H. “Decadence of Darwinism”, p. 36.

<sup>40</sup> “True science does not start with an a priori hypothesis that certain things are impossible, but simply examines the evidence to find out what has actually occurred. It does not twist its observed facts to make them accord with a priori theories, but seeks to make its theories accord with the facts as observed. To say that miracles are impossible, and that no amount of evidence can prove a miracle, is to be supremely unscientific”. Torrey, R. A. “The Certainty and Importance of Bodily Resurrection of Jesus Christ from the Dead”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 5, p. 105.



história humana para fins graciosos”<sup>41</sup> seria a essência de ambos. O avanço do naturalismo na ciência, colocando excessiva ênfase na constância das leis naturais, mesmo que interpretadas como modo de trabalho de Deus, teria contribuído para a contínua desconsideração da importância e da factualidade dos milagres.

Definindo milagre como “qualquer efeito na natureza, ou desvio de seu curso ordinário, devido à interposição de uma causa sobrenatural”<sup>42</sup>, James Orr sustenta que a ocorrência de milagres não se choca de nenhuma forma com a existência de leis naturais. O que se chama de leis naturais são as observações registradas de ordem, na qual se encontram relações causais. Dizer que as leis naturais são uniformes significa apenas que “dadas tais causas, operando em tais condições, tais efeitos seguirão”<sup>43</sup>.

Orr afirma que um milagre não é a negação dessas verdades, não é um resultado diferente produzido pelas mesmas causas, mas um resultado diferente produzido pela introdução de uma nova causa, a “vontade e poder de Deus”, a Causa Primeira.

Evocando uma analogia bastante popular, também mobilizada por William Jennings Bryan no julgamento de Scopes, Orr afirma que, da mesma forma que, por sua vontade e poder, uma pessoa pode arremessar uma pedra para cima sem abolir a lei natural e uniforme da gravidade, Deus, em proporções muito maiores, pode providencialmente se interpor ao curso ordinário das coisas naturais.<sup>44</sup>

Conclui-se que o verdadeiro método científico, baconiano, pautado na indução, não poderia refutar a possibilidade do milagre, pois para isso não bastaria afirmar que causas naturais operam uniformemente, seria preciso provar que só causas naturais operam; até lá, ambas as causas, naturais e sobrenaturais, poderiam coexistir em um sistema completo e perfeitamente harmônico.

Nota-se que a defesa do milagre, considerado um dos fundamentos da verdadeira religião, é feita por meio de um discurso nos moldes da lógica e conformado ao que se entendia como o verdadeiro método científico, a indução. Esse esforço tipicamente fundamentalista de assegurar a autoridade do cristianismo conferindo a ele um estatuto de cientificidade perpassa todos os artigos em questão. Philip Mauro, na contribuição *Life in the Word*, talvez expresse essa defesa em

---

<sup>41</sup> “[...] direct entrance of God in word and deed into human history for gracious ends”. ORR, James. “Science and Christian Faith”, p. 93.

<sup>42</sup> “[...] any effect in nature, or deviation from its ordinary course, due to the interposition of a supernatural cause”. ORR, James “Science and Christian Faith”, p. 94.

<sup>43</sup> “[...] given like causes, operating under like conditions, like effects will follow”. \_\_\_\_\_. “Science and Christian Faith”, p. 95.

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. “Science and Christian Faith”, p. 96.



sua forma mais radical: “a Bíblia é o *único* livro do mundo que é verdadeiramente 'científico', porque é o único livro que dá informações precisas, exatas e *absolutamente confiáveis* sobre qualquer assunto do qual trata”<sup>45</sup>.

### A mobilização do “eclipse”: elos perdidos e o sentido do progresso

É difícil imaginar que a defesa de uma “verdadeira ciência” em oposição ao darwinismo teria tanto sucesso se não fosse o cenário de crise da biologia evolucionária, segundo compreendiam os fundamentalistas, marcado pelas intensas discussões do período do “eclipse”.

O momento de aparente vulnerabilidade do darwinismo motivou os fundamentalistas a se manifestarem sobre o assunto sem receio de constrangimento. Diversos autores, como o autor de *Evolutionism in the Pulpit*, chegaram a afirmar que a “evolução”, sem diferenciá-la do darwinismo, estava à beira da morte, ou melhor, “já está morta, pois o espírito (a teoria da seleção natural) partiu há tempos”<sup>46</sup>. Restava aos evolucionistas, segundo o autor, “sentarem-se em volta do leito de morte do materialismo e buscarem desesperadamente algo para preencher em seu templo de mentiras o espaço deixado vago pela remoção de seu ídolo”<sup>47</sup>.

A ideia de que o darwinismo estava morto, consolidada pelo livro do naturalista alemão Eberhard Dennert, *Vom Sterbelager des Darwinismus* [Do leito de morte do darwinismo] (1903), foi bastante popular nos Estados Unidos à época. George F. Wright, um pouco menos radical, afirmou em seu artigo que as teorias evolucionistas, darwinistas e não-darwinistas, haviam se tornado tão variadas quanto “sectos teológicos”, com novas escolas de evolucionistas surgindo “tão rápido quanto novas escolas de crítica bíblica”. A apresentação dessa imagem moribunda, ou pelo menos fracionada, do darwinismo servia para demonstrar que a doutrina não possui a “aceitação universal com a qual é frequentemente representada”<sup>48</sup>.

Entre as polêmicas do “eclipse”, Wright dá grande atenção à rusga entre aqueles “que voltaram à teoria de Lamarck” e os “extremos” seguidores de Weismann, além do conflito entre diversas teorias de hereditariedade. O autor lembra ainda o cristianismo devoto de Gray e Wallace, destacando a relutância deles em aplicar a teoria aos humanos. Sobre esse tópico, Wright

---

<sup>45</sup> “The Bible is the only book in the world that is truly ‘scientific’; for it is the only book which gives precise, accurate and *absolutely reliable* information upon every subject whereof it treats”. MAURO, Philip. “Life in the Word”. In: *The Fundamentals: a testimony to the truth*. Chicago: Testimony Pub. Co., Vol. 5, p. 17. O primeiro destaque é meu, o segundo é do autor.

<sup>46</sup> “[...] it is already dead, since the spirit (the theory of natural selection) has long since departed”. Anônimo. “Evolutionism in the Pulpit”, p. 30.

<sup>47</sup> “[...] sit about the death bed of Materialism as mourners, and, in despair of finding anything else to fill the niche in their temple of lies left vacant by the removal of their idol”. \_\_\_\_\_. “Evolutionism in the Pulpit”, p. 35.

<sup>48</sup> WRIGHT, G. F. “The Passing of Evolution”, p. 11.



afirma orgulhoso que as conclusões paleontológicas “totalmente imaginativas” sobre a descendência humana vêm sendo constantemente desmascaradas por profissionais como o “professor [neolamarckista Edward Drinker] Cope, um dos nossos mais competentes anatomistas comparativos”<sup>49</sup>.

O tema dos elos perdidos, apontado pelo próprio Darwin como a maior dificuldade da teoria, é um dos mais recorrentes nos artigos selecionados. O autor anônimo de *Evolutionism in the Pulpit* cita Virchow<sup>50</sup>, afirmando que as tentativas de encontrar a transição entre animal e homem teriam acabado num fracasso total.<sup>51</sup> James Orr também fala da “ausência total de evidências confiáveis das tais formas intermediárias simiescas”<sup>52</sup> como um golpe fatal na ideia de transição gradualista defendida pelo darwinismo.

A oposição ao caráter transicional e gradual da teoria de Darwin era central para assegurar a excepcionalidade dos humanos no esquema geral da Criação, como lido no Gênesis. A ideia de que a humanidade fosse apenas um detalhe na história natural dos mamíferos, ou pior, dos brutos, violentos e lascivos primatas<sup>53</sup> era o exato oposto da doutrina da Queda, segundo a qual o primeiro par humano era originalmente o mais perfeito e próximo de Deus até o evento do pecado. Opunha-se também ao dispensacionalismo, quer dizer, a crença de que o sentido da história humana era a decadência, e não o aperfeiçoamento, só havendo salvação possível pelo segundo advento de Cristo.

Os desdobramentos do pessimismo teológico fundamentalista iam além da história humana. Para Wright, por exemplo, a degeneração das raças tem sido mais conspícua que o avanço.<sup>54</sup> Henry H. Beach diz que “a seleção sexual bestial e não-regenerada é mais luxúria do que amor” e é graças à “domesticação de brutos e plantas” feita por humanos com “carinho e habilidade” que as espécies melhoram. “Tão logo nos relaxamos, cachorros se tornam párias, gatos tornam-se vagabundos, batatas nascem menores, e não vale mais à pena capturar e domar os cavalos”<sup>55</sup>.

---

<sup>49</sup> \_\_\_\_\_, “The Passing of Evolution”, p. 12.

<sup>50</sup> O antropólogo alemão Rudolf Virchow (1821-1902) foi um dos principais opositores do darwinismo na Alemanha, especialmente engajado em expulsar as teorias evolucionárias das escolas.

<sup>51</sup> Anônimo, “Evolutionism in the Pulpit”, p. 29.

<sup>52</sup> “[...] the absence of all reliable evidence of those ape-like intermediate forms.” ORR, James. “Science and Christian Faith”, p. 104.

<sup>53</sup> Sobre o imaginário da época em torno dos primatas e as teorias da evolução, ver CLARK, Constance Areson. “You are Here!: Missing Links, Chains of Beings, and the Language of Cartoons”. In: *Isis*, Vol. 100, No. 3, 2009, p. 571-589. CLARK, Constance Areson. “Evolution for John Doe: Pictures, Public, and the Scopes Trial Debate”. In: *The Journal of American History*, Vol. 87, No. 4, p. 1275-1303, 2001.

<sup>54</sup> WRIGHT, G. F. “The Passing of Evolution”, p. 17.

<sup>55</sup> “[...] we soon tire and then dogs become pariahs, cats turn vagabonds, potatoes grow small, and horses are not worth catching and breaking”. BEACH, H. H. “Decadence of Darwinism”, p. 42.



Essa centralidade dos humanos, como uma força externa, necessária à manutenção da obra de Deus também remete diretamente à tradicional doutrina cristã do livre arbítrio. Compreende-se o mundo deterministicamente, à exceção dos humanos, que podem fazer suas próprias escolhas. Essa capacidade também implica um dever de responsabilidade moral, que os fundamentalistas acreditavam estar sendo minado pela crença no progresso inexorável e fortuito da natureza. É o que diz o autor de *Evolutionism in the Pulpit*: “um processo de evolução sem início nem fim; que considera o homem meramente como uma forma provisória da tal Energia universal [...] não pode ter nenhum ponto de contato com o cristianismo”<sup>56</sup>.

Segundo Orr, muitas vezes essa dificuldade aparente de conciliação entre evolução e criação foi gerada pela identificação confusa do darwinismo como sinônimo de evolução. Diante do “eclipse”, isto é, do surgimento de teorias evolutivas alternativas à de Darwin, o autor considera que a evolução tem sido cada vez mais limitada como modelo explicativo e modificada em pontos centrais da teoria – precisamente os mesmos pontos que provocaram o conflito aparente com a Escritura.<sup>57</sup> Esses pontos seriam: o caráter fortuito da variação sob a qual a seleção natural atua, desafiado, por exemplo, pelos neolamarckistas, que sugeriam que as mudanças fossem prefixadas e guiadas para determinado fim - a ortogenia; a insuficiência da seleção natural para explicar todo o processo evolutivo, primeiro desafiada pelos neolamarckistas, depois também pelos mutacionistas, ou os antiweismannismos de forma geral; e o gradualismo praticamente imperceptível das mudanças, colocado em cheque pelo sucesso do modelo saltacionista associado à consolidação da genética experimental.

Esse último elemento, o desafio ao gradualismo, tão propagado pelas correntes antidarwinistas do “eclipse”, repete-se três vezes só no artigo de Wright. Nos moldes pretensamente lógicos e científicos da crítica fundamentalista ao darwinismo, o autor afirma:

É tão grande o número de mudanças simultâneas necessárias para assegurar alguma vantagem real, que a probabilidade contra o aparecimento fortuito delas vai aos bilhões, se não ao infinito; portanto estão descartadas de qualquer reconhecimento racional. [...] Supor que tudo isso possa acontecer sem a intervenção de uma Mente Suprema Planejadora é cometer “hara-kiri” lógico.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> “[...] a process of evolution which has neither beginning nor end; and regards man as being simply a passing form of this universal Energy [...] can have no possible points of contact with Christianity”. Anônimo. “Evolutionism in the Pulpit”, p. 31.

<sup>57</sup> ORR, James. “Science and Christian Faith”, p. 102.

<sup>58</sup> “So numerous are the simultaneous changes necessary to secure any advantage here, that the probabilities against their arising fortuitously run up into billions, if not into infinity; so that they are outside of any rational recognition. [...] To suppose all this to occur without the intervention



Voltando ao artigo de Orr, o autor afirma que a “evolução” tem sido aos poucos reconhecida como uma “criação” cuja força criativa reside nos seres, não fora deles (uma visão que, de fato, alinha-se às concepções vitalistas como as de E. D. Cope). E um processo de tal natureza exige constante intervenção, por exemplo, na passagem do mundo exclusivamente inorgânico para o surgimento dos seres vivos; no surgimento dos organismos conscientes; e no aparecimento de um novo tipo de consciência, racional e moral, exclusiva da humanidade. Caso essa “nova concepção evolucionária” fosse aceita, diz Orr, as dificuldades impostas pelo darwinismo desapareceriam.

Essa insistência do discurso fundamentalista em se afirmar imparcial e aberto às novidades da ciência ao mesmo tempo em que promovia uma crítica ferrenha do darwinismo foi, sem dúvida, uma das marcas mais singulares do movimento nas primeiras décadas do século vinte.

### **Considerações finais**

Procuramos demonstrar que a penetração do darwinismo nos debates intelectuais norte-americanos foi decisiva para a radicalização das posições teológicas das principais denominações protestantes do país, divididas principalmente entre modernistas e fundamentalistas, que protagonizaram uma intensa disputa pela maquinaria eclesiástica no final do século dezanove e início do vinte. As noções de “ciência” tiveram um papel central na legitimação de cada um dos discursos. Os fundamentalistas, na direção oposta à dos modernistas, preocuparam-se em assegurar a autoridade associada à “cientificidade”, amalgamando-a completamente com a “religiosidade”.

Nesse esforço, foi necessário afirmar a distinção entre uma ciência verdadeira e uma falsa, pois um discurso anticientífico no cenário intelectual norte-americano, profundamente marcado pela devoção iluminista à ciência, dificilmente encontraria grande aderência. Dessa forma, a "verdadeira ciência", na qual se incluía a teologia conservadora dos fundamentalistas, foi definida pelo rigor do método indutivo e a observação direta dos fatos, não só dos fatos naturais, mas também dos “fatos sobrenaturais”, como o milagre, sobre os quais se fundava a “verdadeira religião”. Já a "falsa ciência", na qual se situava o darwinismo, estaria marcada por contradições, especulações e hipóteses infundadas.

---

of the Supreme Designing Mind is to commit logical 'hara-kiri'". WRIGHT, G. F. “The Passing of Evolution”, p. 14-16.



As controvérsias do período do “eclipse” foram providenciais para subsidiar o antidarwinismo fundamentalista com argumentos científicos de grande autoridade, como a crítica à leitura gradualista dos registros fósseis e a excepcionalidade dos humanos no esquema da evolução. Devidamente armados, e aproveitando o que eles entendiam como um cenário de crise, os fundamentalistas puderam dar início a uma tentativa de arrastar o “naturalismo anti-Gênesis” para fora não só da ciência, mas também dos púlpitos e até das escolas – uma cruzada estrondosa que reverbera até hoje.